

IMPLANTE CEREBRAL, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E TRANSUMANISMO

Dr. João Modesto Filho

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 33

Os grandes avanços que estão sendo obtidos com estudos e pesquisas na neurotecnologia, com interfaces entre cérebro e máquina, vêm conseguindo resultados extraordinários, como permitir que uma pessoa tetraplégica recupere a mobilidade, uma outra recupere a visão perdida e até que se tenha controle de doenças psiquiátricas, como a depressão. Para essa interface, vários métodos estão sendo pesquisados, desde a estimulação magnética transcraniana, até a colocação de implantes no cérebro. Essas proezas despertam a admiração, mas também um certo medo. Mais ainda, as neurotecnologias não estão se limitando apenas a reparar o cérebro, mas até a melhorá-lo. Algumas pesquisas objetivam aumentar significativamente o número de neurônios conectados por uma infinidade de fibras a um microprocessador.

Para tanto, seria instalado um implante no córtex cerebral, enviando e recebendo informações entre neurônios e máquina. Essa interface cérebro-máquina, associada à Inteligência Artificial, poderia aumentar em 10 vezes a capacidade cognitiva, segundo alguns estudiosos. Por um lado, esse avanço procura registrar e estimular a atividade cerebral criando uma perspectiva promissora para o tratamento de doenças neurológicas, como a doença de Alzheimer, a doença de Parkinson e a epilepsia. Esse campo de atividade científica tem a intervenção de empresas de biotecnologia que tem realizado estudos de implantes, como amplamente difundido na mídia. Essas empresas, como Synchron, Precision Medicine, Paradromics e a Neuralink, essa última do bilionário Elon Musk, estão procurando fornecer implantes em humanos, não só para recuperação de problemas ligados à saúde, mas, também,

buscando melhorar as capacidades intelectuais das pessoas. Há poucos dias, Musk informou que “o primeiro ser humano recebeu um implante da Neuralink e está se recuperando bem”.

De outro ângulo, existem preocupações de setores científicos e filosóficos com o enorme avanço da convergência entre homem e máquina. Poderíamos ter duas novas categorias de seres humanos, como raciocinam membros da Academia de Medicina da França? Desse modo, pessoas que recebessem certos implantes poderiam permanecer sob o controle da empresa responsável pelo implante, o que poderia ser uma nova forma de controle do ser humano? Por outro lado, teríamos uma outra categoria de pessoas com capacidades intelectuais superiores e susceptíveis de “dominar” a população não equipada para tanto? Algo com características semelhantes ocorreu em passado recente quando dos avanços da bioengenharia genética. Naquela época foi realizada, em 1975, em Asilomar (Califórnia), uma conferência para a adoção de regras que norteassem as pesquisas, procurando antecipar, avaliar e reduzir cientificamente os potenciais riscos oferecidos pela técnica de DNA recombinante.

A orientação da Academia Francesa é que está na hora de repensar os limites do ser humano, sabendo que existe muito a ser feito para ajudar o homem a crescer dentro da sua humanidade. Nesse sentido, desde algum tempo, surgiu o movimento Transumanista o qual, por definição, “é um movimento multidisciplinar que estuda como a tecnologia é capaz de fundir o corpo e a mente humana, permitindo ao ser humano transcender diante das limitações atuais.” Assim, o ser humano biologicamente aumentado pela tecnologia, algo que parecia ser uma fantasia décadas atrás, poderia se tornar uma realidade. Enfim, estaríamos no limiar do abandono da condição humana atual? Resta acompanhar, observar e, na medida do possível, intervir e deter aquilo que não trará benefícios à raça humana.